

NOTAS E INFORMAÇÕES

Que venha São João Batista

Por obra e graça da “Irmandade da Economia”, o Brasil volta a ser o país do faz-de-conta, como era no governo de Sarney: o discurso oficial nada tem a ver com a realidade, e todos fazem de conta (membros do Executivo ou políticos que o apóiam) que Canaã, a Terra Prometida, estará à vista desde que se faça mais um esforço, ainda que ingente. Não apenas nesse pretender ser, nesse parecer (foi Maquiavel quem disse: *parecer, não ser*) se espelha a semelhança entre dois tipos de conduta política que se pretendia antagônicos. Também na inocência com que os “irmãos” se isentam de qualquer responsabilidade pelo que vai mal. No governo Sarney, era hábito os ministros apontarem as mazelas da administração pública — especialmente das pastas sob sua direção —, como se eles não fizessem parte do processo nem fossem responsáveis pela execução de determinadas políticas. No governo Fernando Collor, a “Irmandade da Economia” procede como se o Espírito Santo tivesse iluminado todos os “irmãos” — e só a eles —, que não conseguem, apesar disso, realizar sua obra salvadora porque Lusbel, o Príncipe das Trevas, impede os políticos e a sociedade de compreender a extensão de seu sacrifício pessoal e a verdade de suas idéias. Quem os ouve imagina que a sociedade brasileira se dedica ao culto do Bezerro de Ouro ou de Baal — enquanto eles, puros sacerdotes da verdadeira religião revelada, cuidam de conduzir o que se pode

salvar do povo até a Terra Prometida. Os dez meses em que o Executivo administrou o País de forma ditatorial, governando por medidas provisórias, não existem no calendário da “Irmandade”. Para ela, o mundo se criou a partir do Plano Collor 2 — e, se não for permitido aos profetas levar avante mais uma mirabolante experiência em que se condena à Geena os que viviam da especulação e da ciranda financeira, o que espera o Brasil é o caos, a certeza da destruição do País por sua inviabilidade histórica, econômica e social.

Reunido com o PFL, Antônio Kandir, homem forte da “Irmandade”, assumiu ares de profeta, quase chegando a montar uma das bestas do Apocalipse: “Esta é a última chance que temos de tornar o País viável. Ou entendemos a extrema dificuldade que enfrentamos, e temos a grandeza de contribuir, ou sem dúvida iremos para a caos”.

O chefe do Poder Executivo, felizmente, não vê a realidade com cores tão negras, embora consinta que se use seu nome e seu prestígio popular para forçar a votação das medidas provisórias que, segundo os sacerdotes da “Irmandade”, evitarão a desintegração do universo produtivo. Tanto o presidente Fernando Collor está otimista que, em carta ao presiden-



te dos Estados Unidos, a propósito da crise do Golfo e da construção da nova ordem mundial, deixa clara sua convicção de que estará reservado importante papel ao Brasil na solução da crise internacional. Ora, país à beira do caos, dependendo da boa vontade dos deputados do PFL e de outros para impedir a desagregação social, não pensa ter papel a desempenhar na construção do futuro do mundo. Onde se vê que o tom apocalíptico do homem forte da “Irmandade da Economia” é apenas para atemorizar o Congresso. Ou isso ou, então, o presidente da República está de tal maneira desinformado sobre a realidade das coisas que olha para o mapa-múndi e discute com o presidente Bush como se o Brasil ainda fosse viável.

A última chance a que se referiu Antônio Kandir já fora a última quando da decretação do Plano Brasil Novo. O presidente tinha uma única oportunidade de vencer a inflação e o fez, assim o anunciou apoiado nos planos da “Irmandade da Economia”, quando confiscou o patrimônio da sociedade brasileira, desorganizou a economia, violentou a Constituição, impôs sua vontade a um Congresso incapacitado de fazer reverter os efeitos jurídicos produzidos pelo plano de 1990. Agora, como se não tivessem responsabilidade nenhuma pelo

malogro do “Brasil Novo”, os “irmãos” começam a difundir a idéia sinistra de que ou se aprova aquilo que consideram fundamental (embora haja divergências entre eles sobre se este aspecto e não aquele é o fundamental!) ou o Brasil desaparecerá do cenário internacional.

Quando o governo diz isso — pois é o Executivo que fala por Antônio Kandir — e anuncia que depois do carnaval abrirá novas frentes de luta, propondo mudar a Constituição, para acabar com a estabilidade do funcionalismo, alterar os critérios de aposentadoria e mudar os prazos de transferência de recursos da União para Estados e municípios, é lícito pensar se não está em marcha plano destinado a criar exatamente aquilo que Kandir diz que virá: o caos.

Todos os segmentos sociais começam a tomar consciência de que é preciso defender-se contra o governo, o uso arbitrário que faz dos poderes que tem, o desprezo que devota às instituições. É essa posição de autodefesa, que, por não estar organizada, levará o Brasil ao caos, na medida em que cada qual busca desordenadamente salvar o que ainda tem e pode ser reduzido por decisões atrabiliárias da “Irmandade”.

Para impedir o apocalipse anunciado por Kandir, faz-se necessário que venha São João Batista e convença o presidente da República de que está sendo conduzido por falsos profetas.